

## DEPENDÊNCIA, CULPA E FUTURO



Miguel Ângelo: O pecado original e a expulsão do paraíso

## RELATO DE EXPERIÊNCIA

Luís Filipe Guerra

2014

*“Aqui renega-se os sacrifícios, o sentimento de culpa e as ameaças do além”<sup>1</sup>*

## **Introdução:**

Embora globalmente de acordo com a frase acima transcrita, pelo menos num plano intelectual, senti sempre dificuldades em vivenciar na prática esse posicionamento, mormente no que respeita ao sentimento de culpa (os sacrifícios e as ameaças do além, embora não me sejam estranhos, estão fora do âmbito deste breve estudo<sup>2</sup>).

Na verdade, em geral, sinto-me sempre culpado de alguma coisa: do que faço ou deixo de fazer, do que digo ou do que deixo de dizer, do que penso ou deixo de pensar e mesmo do que sinto ou deixo de sentir.

Em especial, as experiências amorosas e os seus fracassos deixaram-me sempre um terrível sentimento de culpa, dificultando-me passar a outra etapa, senão externamente, pelo menos internamente, embora não esgotem este assunto.

Este sentimento de culpa ligava-se, por sua vez, a uma memória nostálgica, que falsificava as recordações. Como se eu voltasse uma e outra vez a ser Adão expulso do Éden, por ter feito algo errado.<sup>3</sup>

E, concomitantemente, essa nostalgia remetia-me para um sentimento sebastianista, como se a minha redenção pudesse vir do passado, trazida por algum personagem que regressasse da bruma.<sup>4</sup>

---

<sup>1</sup> Silo. Obras Completas, Vol. I. Humanizar la Tierra – La Mirada Interna. Madrid, Ediciones Humanistas. 1998, pág. 23, tradução livre. Silo é o pseudónimo literário de Mario Luis Rodriguez Cobos (1938-2010), escritor e pensador argentino.

<sup>2</sup> Em qualquer caso, não poderia deixar de referir de passagem que se podem descortinar relações imbrincadas entre o sentimento de culpa e a atitude sacrificial, por um lado, e o sentimento de culpa e as ameaças do além, por outro, tendo o primeiro como motor.

<sup>3</sup> “(...) E tirou-o Jeová do jardim do Éden, para que lavrasse a terra de que foi tomado. Pôs, portanto, fora o homem e colocou a oriente do jardim do Éden querubins e uma espada acesa que se revolvia por todos os lados, para guardar o caminho da árvore da vida. Adão e Eva afastaram-se do Éden e esteve sempre o seu olhar posto na direção do Paraíso, do qual somente o resplendor noturno e o fumo da espada de fogo denunciavam o seu rasto. E já não voltaram, já não puderam voltar, mas começaram a oferecer a Jeová Deus sacrifícios de fogo e fumo que acreditaram que lhe agradava (...).” (Silo. Obras Completas, Vol. I. Mitos Raices Universales. Madrid, Ediciones Humanistas. 1998, pág. 343, tradução livre.

<sup>4</sup> O **Sebastianismo**, também designado mito sebástico ou mito do «Encoberto», é um mito cuja origem radica no desaparecimento do rei português D. Sebastião na batalha de Alcácer Quibir, a 4 de Agosto de 1578. No entanto, o mito tem raízes mais profundas, desde as lendas arturianas até aos mitos peninsulares em torno da figura do *Encubierto*, passando pelas *Trovas* do Bandarra, profecias da autoria de Gonçalo Annes de Bandarra (1500-1556) - um célebre sapateiro de Trancoso, anterior a D. Sebastião -, posteriormente adaptados à figura do rei e, mais adiante, aproveitadas pelo rei D. João IV, que viria a restaurar a independência nacional em 1640. O sebastianismo é, no fundo, um mito messiânico, isto é, um mito que se funda na esperança da vinda de um Salvador, que virá libertar o povo e restaurar a glória e o prestígio nacionais. Nesse sentido, o sebastianismo acabou por se ligar, mais adiante, ao mito do Quinto Império, proposto pelo Padre António Vieira (1608-1697) – retomado mais tarde, noutros termos, pelo poeta Fernando Pessoa (1888-1935) -, que acometia aos portugueses o desígnio de construir um grande império (o quinto da humanidade) que estabelecesse o Reino de Deus na Terra.

A observação destes registos deixava-me perplexo e algo impotente, porque sentia que o meu comportamento emotivo respondia a legados culturais antigos e muito enraizados na minha consciência e não percebia como chegavam a expressar-se em mim, embora pudesse entender a influência da paisagem de formação no meu comportamento.<sup>5</sup>

Porém, mesmo percebendo a minha forma mental em movimento, não lograva deixar de responder de forma mecânica às situações de fracasso, culpabilizando-me do sucedido e ficando enredado em círculos.

Ainda assim, não foi fácil chegar a identificar o tipo de resistência ou impedimento com que tinha que lidar perante as dificuldades e que obstava ao meu avanço, já que sempre se embrulhava num clima emotivo melancólico que me tomava e que orientava as minhas imagens para uma via degradatória.<sup>6</sup>

Ao mesmo tempo, este sentimento de culpa estimulava uma análise autocrítica e um esforço por melhorar a minha conduta, pelo que, de algum modo, era por mim valorado como algo positivo, já que também me permitia escapar da armadilha da culpabilização dos outros.

### **O limpa-chaminés:**

Depois de ter trabalhado com afinco as práticas de operativa (catarse e transferência)<sup>7</sup>, nos anos de 2008 e 2009, regressei a elas a partir de 2011, por uma questão de necessidade pessoal, após ter passado pelo processo disciplinar no âmbito da Escola.<sup>8</sup>

Nessa altura, a minha incursão na Disciplina Mental deixou-me removido e instável, pelo descobrimento da tendência e do encadeamento da consciência, com que passei a confrontar-me com reiterado desgosto, nomeadamente por causa da sua repetição e limites.

É certo que, na última parte desse processo, também cheguei a roçar alguns registos inspirados, de comunhão com tudo e de consciência lúcida, mas sempre um tanto acidentais e, sobretudo, fugazes.

Contudo, de algum modo, a abordagem ao processo disciplinar já foi feita com demasiada culpabilidade, buscando redimir-me de fracassos anteriores, pelo que a vivência

---

<sup>5</sup> Paisagem de formação é aqui empregue com o sentido que lhe é dado por Luis A. Ammann, no epílogo do seu livro "Autoliberación", Mexico, Plaza y Valdes Editores, 1991, págs 266-273: "(...) A paisagem de formação atua através de nós como conduta, como um modo de ser e de nos movermos entre as pessoas e as coisas. Essa paisagem também é um tom afetivo geral, uma "sensibilidade" de época não concordante com a sensibilidade da época presente (...)".

<sup>6</sup> Para caracterizar o estado interno da Degradação, cfr. Silo, obra citada, Humanizar la Tierra – La Mirada Interna, pág. 54).

<sup>7</sup> Cfr. Luis A. Ammann, obra citada, págs. 131-221. Segundo este, "catarse é uma técnica de descarga de conteúdos opressivos e/ou tensões internas mediante a sua externalização por centros de resposta (vegetativo, motriz, emotivo e intelectual)"; "Transferência é uma técnica que opera no campo da representação interna, descarregando tensões de uns conteúdos e levando cargas para outros".

<sup>8</sup> Cfr. <http://www.parquepuntadevacas.net/Producciones/Las-Cuatro-Disciplinas-es.pdf>

do mesmo ficou marcada por essa condição de origem, mas isso eu não o sabia ainda e só o viria a compreender mais tarde.

Assim, recuperando velhas cumplicidades, acabei por pedir ajuda para retomar as práticas de catarse, mas nem encontrava quem estivesse sempre disponível para o efeito, em função da minha necessidade de descarga, nem lograva soltar-me completamente com a presença de outrem, apesar da confiança entretanto criada.

Desse modo, recorri à experiência guiada denominada “O limpa-chaminés”.<sup>9</sup>

Ao princípio, seguindo a prática habitual, limitei-me a seguir mentalmente, em silêncio e de olhos fechados, o argumento que ia ouvindo a partir de uma gravação. Porém, ao fim de um par de tentativas sem grande sucesso, resolvi experimentar relatar em voz alta ao “limpa-chaminés” o que me perturbava. Ao fim e ao cabo, era assim que fazia quando trabalhava a catarse com um guia. E, por outro lado, o “limpa-chaminés” convidava-me primeiro a refletir e depois a contar-lhe o que vira, pelo que se tratava de seguir a sua orientação.

O resultado foi espetacular, dando lugar a explosões catárticas de pranto, riso e, às vezes, raiva. Daí para cá, essa experiência guiada tornou-se um importante ponto de apoio do meu processo evolutivo, ajudando a desbloquear fortes tensões internas impeditivas do meu avanço e a modificar o ponto de vista sobre as situações de conflito interno.

Além disso, passei a dar-me conta dos sinais de saturação e perturbação do meu psiquismo por excesso de tensão, com o que se foi dando a oportunidade para voltar a fazer a experiência periodicamente, permitindo a libertação de energia para vencer dificuldades.

Neste domínio, destaco particularmente o facto de o “limpa-chaminés” perguntar, entre outros, pela consciência de culpa. Efetivamente, depois de sondar sobre o pequeno problema quotidiano, a maior humilhação, a traição mais importante e antes de perguntar sobre aquilo que não se contaria a ninguém por nenhum motivo, o “limpa-chaminés” pede para recordar a cena ou o conjunto de situações em que se aparece como o culpado direto ou indireto de algo grave, sugerindo mesmo que não será difícil encontrar isso de que uma pessoa se sente culpada.

A repetição da experiência propiciou que fosse passando da identificação de situações pontuais em que me sentia culpado para a compreensão da própria estrutura de “consciência culpada”<sup>10</sup>, isto é, da atmosfera mental impregnada de culpa em que vivia.

Essa ampliação do ponto de vista foi-me permitindo modificar a ótica sobre as situações problemáticas vividas, retirando-lhes carga conflituante, nomeadamente o peso imobilizador da culpa<sup>11</sup>.

---

<sup>9</sup> Embora a mesma faça parte do livro “Experiencias Guiadas”, da autoria de Silo, incluída na compilação Obras Completas, Vol. I, acima citada, sob o título de “El Deshollinador” (cfr. pág. 198/200), trabalhei, na verdade, com a sua versão original, incluída no Livro da Comunidade, Madrid, Ediciones de La Comunidad, 1981, págs. 115/118, então denominada “Catarse”.

<sup>10</sup> Para maiores desenvolvimentos sobre as estruturas de consciência, cfr. Silo, Apuntes de Psicología, Psicología IV, Ulrica Ediciones, 2006, pág. 318 e ss.

No entanto, faltava-me ainda um elo para poder fazer a ligação entre os mitos acima aludidos e o meu próprio comportamento.

### **Vingança e reconciliação:**

No início do Verão de 2014, tive oportunidade de dar uma volta pelos Parques de Estudo e Reflexão da Europa Central.<sup>12</sup> Esse passeio propiciou uma série de momentos de reflexão e de intercâmbio interessantes e importantes, designadamente pelo contraste das formas mentais de cada lugar. Mas também me deu a oportunidade de me deparar com uma recente monografia sobre o tema da vingança e da reconciliação, na qual também se reflete sobre a questão da culpa.<sup>13 14</sup>

Em especial, pareceu-me acertada e exemplar essa abordagem do tema da vingança não (só) como um fenómeno da paisagem externa, mas sim como uma vivência pessoal (ou da paisagem interna), partindo do particular para o geral. Por outro lado, achei inspirador esse afã de compreender as razões profundas da emergência dessa resposta mecânica da consciência, sem autocensura. Ou seja, procurando descortinar a função que essa resposta mecânica cumpre na economia do psiquismo e que explica o seu surgimento e grau de arraigo na consciência. Essa abordagem afastava-se da noção de pecado e do sentimento de culpa a ele associado, que nos levam a afastar o olhar daquilo que não gostamos de ver em nós, tratando de reprimi-lo e, com isso, postergando a sua compreensão e superação. No fundo, tratava-se de aplicar aquele princípio de ação válida que recomenda: “Farás desaparecer os teus conflitos, não quando os queiras resolver, mas sim quando os entendas na sua última raiz”<sup>15</sup>.

Esse ponto de vista pareceu-me igualmente interessante para olhar para o sentimento de culpa, partindo do mesmo modo do particular para o geral.

Concomitantemente, em algum intercâmbio de ideias havido nesses dias, alguém lembrou que os mitos traduzem e compensam o sistema de tensões e climas de um povo, e que, por isso, não por acaso, essas narrativas tiveram a adesão de tanta gente, que se

---

<sup>11</sup> Nesse sentido, merece uma referência a experiência guiada denominada “O Grande Erro”, inserida nas obras acima identificadas na nota nº 9.

<sup>12</sup> Concretamente, refiro-me aos Parques La Belle Idée (França), Mikebuda (Hungria), Pravikov (Rep. Checa) e Schlamau (Alemanha). “Os Parques de Estudo e Reflexão são portas de entrada no mundo mental do Profundo. Neles são realizados os trabalhos de Escola, um conjunto de estudos e práticas que permitem ter experiências de contacto com dimensões internas profundas. (...) Os Parques de Estudo e Reflexão são lugares de encontro e irradiação de uma nova espiritualidade que rejeita todas as formas de violência e discriminação e que apela a essa dimensão sagrada da mente humana para encontrar liberdade e sentido. Qualquer ser humano, sejam quais forem as suas crenças, pode participar desse caminho afetivo, comovente e experiencial” (Eduardo Gozalo. *In* Parques de Estudo e Reflexão).

<sup>13</sup> Cfr. Luz Jahnen. *Revancha, Violencia y Reconciliación*. Parque de Estudo e Reflexão Schlamau (Alemanha), Abril de 2014, traduzido para espanhol por Mariana Garcia, disponível em [www.parkschlamau.org](http://www.parkschlamau.org).

<sup>14</sup> No caso desta monografia, a culpa é sobretudo tratada na perspetiva da culpabilização de outros, tratando, portanto, um problema simétrico daquele que nos ocupa aqui. De facto, a culpabilização de outros está mais ligada ao ressentimento e à vingança, mas também é possível ver na mesma um encadeamento com a dependência de que se fala mais adiante, embora, neste caso, se dispare para fora um mecanismo similar de defesa do “eu”.

<sup>15</sup> Cfr. Silo, *Obras Completas*, Vol. I. *Humanizar la Tierra*. La Mirada Interna, págs. 40/41.

reconhecia nelas, durante um certo período histórico.<sup>16</sup> Nesse sentido, seria importante ter em conta o contexto histórico, ou melhor, o contexto psicossocial em que essas narrativas foram criadas e difundidas, para as poder interpretar.<sup>17</sup> E ainda que de uma forma superficial, procurámos fazer em conjunto um exercício de compreensão da Eneida dessa perspectiva, aproveitando que dispúnhamos na ocasião de um exemplar para ler e estudar.<sup>18</sup>

E assim fui avançando, passo a passo, de compreensão em compreensão...

Analisando a função que cumpre o sentimento de culpa em mim, via que o mesmo me mantinha ancorado ao passado, isto é, tratando de recuperar algo que já se foi, que se perdeu. Porquê? Porque a culpa faz-me lamentar algo que fiz ou deixei de fazer, procurando levar-me a tentar emendar o que se passou para poder regressar à situação anterior. Deste modo, acabo por me impedir de avançar, de assumir a responsabilidade, face ao futuro, das minhas ações ou omissões, isto é, das minhas escolhas mais ou menos refletidas. E para quê? Para me evitar a angústia criada pelo futuro incerto que o meu aparente erro abriu. E o que faz a consciência perante essa angústia? Retrai-se e procura na memória conforto, talvez embalada pelas recordações de infância, de um registo de proteção e segurança. Assim sendo, na verdade, a culpa deriva da dependência. É à situação de dependência que eu quero regressar e é ela que me faz sentir culpado de ter deitado a perder a ilusão de proteção e segurança que lhe está associada, face à incerteza do futuro e à angústia que experimento nessa situação volúvel. Ou seja, a consciência procura responder compensatoriamente a essa incerteza e essa angústia, “agarrando” pessoas, objetos ou situações, e tornando-me dependente destes. É como se eu procurasse mitigar ou anestesiar essa angústia existencial com “objetos” mentais externos, ficando dependente destes para evitar sofrer. Porém, curiosamente, ao mesmo tempo, a culpa impede-me de ver que procuro conservar-me na dependência. É como se o sentimento de culpa escondesse e conservasse o núcleo de devaneio a que responde o meu comportamento<sup>19</sup>.

---

<sup>16</sup> Cfr. a este propósito: Silo, obra citada. *Mitos Raices Universales*, pág. 307/309.

<sup>17</sup> Os argumentos das narrativas míticas podem ser de tipo transferencial e/ou catártico, consoante resolvam ou não a tensão permanente de fundo que lhes está associada. Em qualquer caso, os mitos mobilizam imagens traçadoras de condutas coletivas, quer as mesmas sejam meramente compensatórias quer sejam libertadoras, fundando uma nova cultura. Neste último caso, normalmente os deuses irrompem na paisagem alegórica para indicar um caminho ao(s) sujeito(s) ou protagonista(s) da narrativa, sendo a forma que a consciência tem de traduzir impulsos que chegam da profundidade da mente, quer dizer, dos espaços internos do sagrado.

<sup>18</sup> Cfr. Vergílio. *A Eneida*. Editora Bertrand, 2011. ISBN: 9789722523660.

<sup>19</sup> Emprego aqui a expressão “núcleo de devaneio” com o sentido que lhe é dado por Luis A. Ammann, na sua obra já citada, pág. 296/297 (tradução livre): «*Existem devaneios de maior fixidez ou repetição, ou aqueles que, mesmo variando, denotam um mesmo clima mental. A característica principal deste clima é a sua permanência. Às vezes, esses devaneios aparecem também nas fantasias do semissono e do sonho noturno, mas denotam um núcleo fixo de divagação que é aquele que orienta as tendências, ainda que o sujeito não o note. Esse núcleo fixo vai-se manifestar como imagem e essa imagem vai ter a propriedade de orientar o corpo, as atividades, numa direção. Esse núcleo de devaneio orienta as tendências da vida humana numa direção que não é percebida pela consciência. O núcleo de devaneio pode evoluir ou ficar “colado” a uma etapa vital, dando lugar a repetições de atividades ou de atitudes perante o mundo que vai mudando. Esse núcleo não pode ser visualizado e é experimentado como “clima mental”, como “estado” do sujeito que tem conotações fortemente emotivas; assim, dele há registos, mas não imagem, ainda que ele motive a produção de numerosas imagens compensatórias que são as que vão guiar condutas (...)*» (N.T.: No original, em língua espanhola, fala-se em “núcleo de ensueño”, sendo certo que “ensueño” corresponde a “fantasia, divagação ou devaneio mental”, como “sonhar acordado”, na expressão mais popular, tendo-se optado pelo termo “devaneio” para traduzir o mesmo).

Mas, afinal, de onde vem essa angústia perante o futuro? Aparentemente, pelo menos no meu caso particular, vem do medo da solidão<sup>20</sup> - por sinal um dos grandes temores da humanidade, a par dos temores da morte, da pobreza, da doença, da velhice - ou mesmo de todos estes, perspetivados como variações de um mesmo temor existencial. Então, como fazer para vencer esses temores? Compreendo que esses profundos temores se vencem pela fé interna e pela meditação interna e não pela atividade compensatória da consciência.<sup>21</sup> Assim, superar o sentimento de culpa exige sair da dependência, passando do campo da mecanicidade da consciência para o campo da liberdade ou, por outras palavras, do sem-sentido para o sentido da vida<sup>22</sup>.

Dito de outro modo, compreendo que enquanto o meu comportamento responder de forma compensatória ao meu particular sistema de tensões e climas, o sentimento de culpa continuará a expressar-se de forma mecânica. E, nesse caso, o sentimento de culpa continuará a proteger e conservar o mesmo núcleo de devaneio, permitindo quando muito uma melhoria condutual, mas não uma efetiva mudança. Essa transformação pode apenas dar-se quando descubro o meu olhar interno e me encontro com a direção que o move, deixando-me guiar por ela<sup>23</sup>. Nessa direção identifico um Propósito ou Intenção que emana da profundidade da mente e que não tem carácter compensatório<sup>24</sup>.

### **Do particular para o geral**

Pensando nesses termos e procurando reconstituir o contexto histórico e psicossocial em que terá sido criado o mito do Paraíso Perdido, descrito no Livro do Génesis, do Antigo Testamento, é bem possível que as perseguições e os êxodos a que foram forçados os hebreus tenham levado a sua consciência a forjar essa resposta defensiva, procurando num mítico lugar de origem um ideal felicitário ou de relaxamento pleno, ao mesmo tempo que se sentiam culpados de o terem perdido, como se não o merecessem, face à perspetiva de continuidade do seu sofrimento. Paralelamente, esse sentimento de culpa poderá ter ajudado a uma certa resignação perante a sua desgraçada condição, nomeadamente durante o seu longo exílio no Antigo Egipto, onde foram escravizados. Aliás, foi só após a revolução monoteísta do faraó Akhenaton (Amenófis IV) e do seu legado inspirador que os hebreus lograram encontrar um novo caminho e uma nova “casa”<sup>25</sup>.

---

<sup>20</sup> «Esta “solidão” é uma experiência que sofremos como “abandono” de outras intenções e, em suma, como “abandono” do futuro (cfr. Silo. Comentários sobre A Mensagem. Centro de Estudos de Punta de Vacas, disponível em [www.silo.net](http://www.silo.net)).

<sup>21</sup> Cfr. Silo, Obras Completas, Vol. I. Habla Silo, pág. 663.

<sup>22</sup> Cfr. Silo. obra citada. Humanizar la Tierra – La Mirada Interna, págs.. 25 a 29 *passim*.

<sup>23</sup> Cfr. Silo. Comentários sobre a Mensagem, disponível em [www.silo.net](http://www.silo.net)

<sup>24</sup> Isto não significa que tenha podido substituir o núcleo de devaneio pelo Propósito ou que isso possa acontecer, mas sim que a tensão dialética que experimento entre ambos vai diminuindo na medida em que o primeiro se transforma e se eleva por influência do segundo, à medida que a consciência vai traduzindo os seus sinais com maior potência e nitidez. De facto, a consciência não pode prescindir de um núcleo de devaneio, mas este não é estático nem imutável, como as diferentes etapas da vida revelam. Por outro lado, é através do trabalho da consciência que posso chegar até ao Propósito e que este se pode expressar no mundo.

<sup>25</sup> O faraó Akhenaton (1362?-1333? ANE) rompeu com o panteão tradicional de deuses egípcios, instituindo o culto a Aton, o Deus-Sol. Após a morte daquele, esse culto e os seus seguidores foram perseguidos, tendo-se reinstalado o politeísmo anterior. Aparentemente, os hebreus terão sido influenciados por este monoteísmo e

Não obstante, é evidente que esta interpretação não pretende esgotar toda a riqueza da referida narrativa e que, tratando-se de um mito sacralizado, há seguramente significados profundos que se desvelam através dele. Porém, essa análise exaustiva está fora do propósito deste breve trabalho, bastando-nos aqui tratar de perceber como se incorporou o sentimento de culpa como nosso substrato cultural.<sup>26</sup>

Por seu turno, reconstituindo o contexto histórico e psicossocial em que terá sido forjado o mito sebastianista, percebe-se que o mesmo é um subtipo do mito do Paraíso Perdido – que lhe serve de base cultural - embora tocado pela figura messiânica do redentor<sup>27</sup>. Neste caso, os portugueses, sentindo-se provavelmente culpados pela situação regressiva em que viviam, marcada pela perda da independência e o declínio do império e das suas riquezas<sup>28</sup>, mas impotentes para a mudar, ter-se-ão deixado cair na armadilha da nostalgia, projetando na figura do rei desaparecido a esperança para regressar a um passado de aparente grandeza, entretanto perdida. Depois, o mito do Quinto Império veio dar uma imagem de futuro a esse afã de grandeza. Contudo, a estrutura compensatória destes dois mitos ainda hoje opera na sociedade portuguesa, embora tenham variado as imagens que lhes dão corpo. Na verdade, o clima mental que os mesmos denunciam permanece por resolver, mostrando a dificuldade da sua transferência. Como consequência, o comportamento de indivíduos e conjuntos humanos continua a responder repetitivamente ao mesmo tipo de devaneios.<sup>29</sup>

---

o contacto com esse Deus único (“Eu Sou O Que Sou”) terá inspirado Moisés para empreender a longa jornada de regresso à Palestina à frente do seu povo, no decurso da qual terá recebido os Dez Mandamentos (cfr. Silo, Obras Completas, Vol. I. Mitos Raices Universales, págs. 82-86 e 174-177).

<sup>26</sup> O sentimento de culpa, como substrato cultural, ter-se-á estendido do povo hebreu para a cultura europeia e desta para a ocidental, reforçando-se, por meio do cristianismo, ou melhor, da narrativa da Paixão de Jesus Cristo segundo a qual este teria morrido para nos salvar dos nossos pecados, ainda que esta interpretação possa ter sido firmada mais tarde, nomeadamente com o Concílio de Niceia (Ano 325 da Nossa Era), já no ocaso do Império Romano do ocidente, atravessando toda a Idade Média e a Idade Moderna até aos nossos dias. Nessa medida, é também provável que a própria ‘leitura’ do Mito do Paraíso Perdido tenha ido mudando com o tempo, tendo sido influenciada por esta nova paisagem cultural, como a própria noção de pecado original e a sua assimilação ao tema do sexo dão claramente a entender. Nesse sentido, o sentimento de culpa é um legado da cultura judaico-cristã e não apenas de uma ou outra.

<sup>27</sup> Portanto, um mito da cultura judaico-cristã, no sentido acima apontado. No entanto, é de observar que a figura do redentor aparece igualmente noutras culturas, tendo raízes remotas no Zoroastrismo (antiga religião persa), particularmente na figura de Mitra (que veio a ser objeto de culto próprio), filho divino de Ahura Mazda, o Deus Supremo, tendo também influenciado o Islão, concretamente o ramo xiita, que espera a chegada do Imã do Tempo.

<sup>28</sup> Durante o domínio da Coroa espanhola, particularmente após Felipe I (Felipe II de Espanha), as possessões coloniais portuguesas foram atacadas e parcialmente conquistadas pelas Nações inimigas da Espanha, como foi o caso da Holanda e a Inglaterra. Por outro lado, o esforço de guerra espanhol, fora e dentro de fronteiras, neste caso para conter o intento secessionista catalão, impôs maior cobrança de tributos. Entretanto, ao contrário de Felipe I, filho de uma princesa portuguesa, que viveu em Lisboa durante dois anos, os dois monarcas posteriores não estabeleceram nenhuma ligação particular com Portugal nem com os portugueses (com exceção daqueles que se deslocaram para a Corte em Madrid). Tudo isso foi um caldo de cultivo para a formação e consolidação deste mito messiânico. Não obstante, para além desta problemática nacional, não é de desprezar o impacto da mudança de era que se vivia à época, em que a realidade da Idade Média se desmoronava com o advento do Renascimento e a passagem à Idade Moderna, gerando desreferenciação e desorientação em relação ao futuro e, por isso, nostalgia de um passado identificado com uma certa sensação de proteção e segurança.

<sup>29</sup> A análise destes comportamentos e das imagens que os impulsionam está fora do âmbito deste trabalho, embora seja um interessante tema de estudo, designadamente na perspectiva de ajudar a superar o respetivo



De todo o modo, é bem claro que toda a cultura ocidental, pelo menos, está tocada pela questão da culpa. Com base na culpa (associada à noção de pecado), construiu-se uma moral e um Direito que chegaram, embora retocados, até aos nossos dias<sup>30</sup>. Essa moral e esse Direito carregam uma noção de dever-ser muitas vezes desligado da experiência interna e dos impulsos da vida. Esse desfasamento entre a norma e a experiência criou graves problemas ao ser humano concreto, pela carga de censura e autocensura que implicou, fragmentando-o, desreferenciando e desorientando<sup>31</sup>. E como já se viu, a culpa dificulta o avanço, porque impede a compreensão e a reconciliação profunda consigo mesmo e a passagem a outra etapa. Talvez por isso, Silo dizia no seu giro de 1981: "(...) Deixa, pela primeira vez na História, de procurar culpados. Uns e outros são responsáveis pelo que fizeram, mas ninguém é culpado daquilo que aconteceu. Oxalá neste julgamento universal se possa declarar: «não há culpados», e se estabeleça como obrigação moral para cada ser humano reconciliar-se com o seu próprio passado. Isto começará aqui hoje em ti e serás responsável por que isto continue entre aqueles que te rodeiam, assim até chegar ao último recanto da Terra".<sup>32</sup>

### **Culpa, fracasso, arrependimento e reparação**

Chegado aqui, perguntei-me, então, se a culpa não cumpre nenhuma função individual e social útil, como forma de modelação do comportamento. De facto, poder-se-ia pensar que sem o sentimento de culpa não haveria qualquer restrição interna à conduta arbitrária e violenta dos indivíduos e conjuntos humanos<sup>33</sup>. Ora, é inegável que os atos violentos deixam normalmente um registo interno de contradição em quem os pratica. E, por outro lado, a culpa emerge muitas vezes de um fracasso ou, visto de outro modo, o fracasso pode gerar sentimento de culpa<sup>34</sup>. Porém, o sentimento de culpa não se confunde com o fracasso nem mesmo com o arrependimento.

No fracasso ocorre a frustração das crenças ou expectativas, isto é da carga ilusória que a consciência havia depositado num determinado elemento da paisagem externa por si cobiçado como ideal felicitário (um bom emprego, uma mulher bela, um automóvel topo de

---

núcleo de devaneio. Em qualquer caso, é fácil de observar que a obsessão por ser e ter o melhor futebolista do mundo ou o afã de fazer e anunciar a maior obra da Europa ou do mundo, bem como a convicção de se ser o homem certo no lugar certo para salvar o país da bancarrota, são exemplos contemporâneos claros da inércia destes mitos.

<sup>30</sup> Nesse sentido, é possível ver no binómio culpabilização/sentimento de culpa um sistema de controlo do comportamento individual e social, que tem sido cultivado pelos diversos poderes ao longo da História como forma de preservação do "statu quo".

<sup>31</sup> Para maiores desenvolvimentos sobre esta questão, cfr. Silo, Obras Completas, Vol. I, Habla Silo, La Acción Válida, págs. 667 e ss.

<sup>32</sup> Silo, obra citada. Habla Silo, pág. 710.

<sup>33</sup> Num certo sentido, é possível ver no sentimento de culpa um mecanismo de conservação do ser humano, que tem regulado a sua conduta no sentido da contenção e da sobrevivência, mas que tem os seus limites evolutivos e deixa de ser necessário à medida que se forma um centro de gravidade interior, baseado no registo interno da ação válida.

<sup>34</sup> Talvez tenha sido precisamente a sensação de fracasso que gerou o sentimento de culpa como resposta da consciência perante as consequências negativas do mesmo, nos alvares da formação do psiquismo humano. Nesse sentido, a culpa é um mecanismo degradatório de um intento evolutivo fracassado. E o mito do Paraíso Perdido uma alegorização desse processo mental. Por sua vez, o mito sebastianista é uma expressão da consciência mágica, isto é, da autodesresponsabilização pela superação do fracasso e das suas consequências.

gama, que se afiguram à minha consciência como meios para obter dinheiro, sexo e prestígio, por exemplo, sendo certo que estes configuram atualmente os mais fortes devaneios compensatórios, capazes de apaziguar provisoriamente as tensões internas mais profundas). Nesse sentido, o fracasso não tem tanto a ver com falhar-se a consecução de um dado objetivo tangível, ao contrário do que proclama a cultura materialista e exitista contemporânea, mas sim com o processo de desilusão por que passa a consciência, mormente quando alcança esse mesmo objetivo. No entanto, deste ponto de vista, o fracasso também oferece à consciência um momento de liberdade, decorrente do esvaziamento das ilusões a que a mesma se tinha entregado<sup>35</sup>. Por isso, ainda que possa parecer paradoxal, o fracasso é uma via de ascensão<sup>36</sup>.

Por sua vez, o arrependimento envolve uma decisão de romper com a vida passada<sup>37</sup>, ao passo que a culpa amarra a uma situação anterior. Nesse sentido, o arrependimento corresponde a uma evolução espiritual do ser humano, a um nível de profundidade maior do que a culpa. Assim, se os meus atos prejudicam outros e registro contradição, posso arrepender-me e tender a dar uma direção unitiva aos meus atos, tratando os outros como quero ser tratado. Porém, esse arrependimento não limpa por si só as consequências do meu ato prejudicial, apenas poderá prevenir a sua repetição futura. Por isso, o arrependimento só tem pleno sentido e efeito se for acompanhado de uma reparação. Por seu turno, essa reparação não será o mero pagamento de uma indemnização, como se instituiu no Direito, porque essa não implica necessariamente arrependimento, deixando-me como estava. E, por outro lado, não basta a equivalência do “olho por olho, dente por dente”, porque essa não traz um melhoramento da situação do outro, mas somente um reequilíbrio de posições mediante a punição proporcional do ofensor, sendo própria da atitude vingativa. Ao invés, reparar em dobro exige intencionalidade e desprendimento, contribui para a minha reconciliação interna e melhora a situação do outro. Ou seja, quando reparo em dobro, não apenas benefício o outro, mas também me permito passar a outra etapa, limpando a mente de toda a contradição<sup>38</sup>.

Assim, partindo de uma situação interna de dependência, que produzia uma instrumentalização dos outros em função dos meus interesses, intuí que na medida em que direcionasse os meus atos para ampliar crescentemente a sua liberdade, me iria libertando eu também. Desde então, tenho-me proposto contribuir para a libertação dos outros, em relação a mim mesmo, ao meio social e à mecanicidade da sua própria consciência, apoiando o seu propósito e procurando, assim, reparar duplamente os prejuízos que tenho causado com a minha dependência. É um processo ainda em curso, mas que me tem mostrado, como experiência, que à medida que mais me desprendo, menos só me tenho sentido. Paralelamente, tenho reforçado essa direção por meio de cerimónias - particularmente a de Bem-Estar - e pedidos a favor de outros, em que não ponho expectativa

---

<sup>35</sup> Cfr. Dario Ergas B. Investigaciones sobre la Conciencia Moral. Centro de Estudios del Parque Punta de Vacas. [www.parquepuntadevacas.org](http://www.parquepuntadevacas.org)

<sup>36</sup> Cfr. Silo. obra citada. Humanizar la Tierra – La Mirada Interna, pág. 53: “(...) Se tomas o caminho da frustração a tua subida é penosa, ainda que a única-não-falsa. De fracasso em fracasso, poderás chegar ao próximo descanso que se chama «morada do desvio» (...)”.

<sup>37</sup> Ibidem.

<sup>38</sup> Cfr. Silo. *Silo a Céu Aberto*. Jornadas de Inspiração Espiritual. Léon Alado Ediciones, Madrid, 2007, pág. 108.

de retorno nem procuro o benefício pessoal<sup>39</sup>. Para isso, tem sido importante frequentar as reuniões semanais da Mensagem de Silo e participar nas atividades conjuntas no Parque Minho, pelos âmbitos psicológico e físico inspiradores que proporcionam. Umas e outras têm permitido um contacto regular com a minha interioridade, desanuviando os meus sentimentos e pensamentos e realimentando esse propósito.

E assim, pouco a pouco, à medida que me vou reconciliando com outros que me magoaram por não satisfazerem a minha dependência, vou limpando a mente do ressentimento e da culpa que não me deixavam avançar, prendendo-me no espaço e no tempo. Espero agora poder projetar-me para o futuro com esse propósito libertador, convergindo com outros que partilham essa mesma aspiração de liberdade.

Luís Filipe Guerra

guerra.luisfilipe@gmail.com

Parque Minho, Outubro/Dezembro de 2014.

---

<sup>39</sup> A cerimónia de Bem-Estar está incluída no livro “A Mensagem de Silo”, da autoria deste, disponível em [www.silo.net](http://www.silo.net). Para maiores explicações sobre esta cerimónia, pode ler-se o texto “Comentários sobre a Mensagem”, já acima citado.